

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
AV. COSTÁBILE ROMANO, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2025

ANO 10 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: JOÃO VICTOR VALENTIM

A cultura e a identidade das danças urbanas

Dançarino e professor conta a evolução do street dance como uma expressão artística reconhecida

Repórteres: Duda Dantas e Isabella Randi

Em entrevista, o professor e dançarino João Victor Valentim destaca que as danças urbanas nasceram nas ruas como formas de celebração, convivência e resistência cultural, acompanhando a evolução da música e das transformações sociais ao longo das décadas. Segundo ele, essas danças valorizam a liberdade, a autoestima, a criatividade e a troca entre as pessoas. Hoje, o movimento conquista espaço acadêmico, visibilidade e reconhecimento artístico, mantendo viva sua essência coletiva e sua ligação com a cultura das ruas, inspirando novas gerações e atraindo o interesse de diversos grupos sociais.

MURAL ENTREVISTA - O que são danças urbanas? O senhor poderia falar um pouco desse movimento para quem ainda não conhece?

JOÃO VICTOR VALENTIM- As danças urbanas se organizam de forma semelhante à dança de salão, em que a dança muda conforme a música. O termo street dance, danças urbanas, surgiu nos Estados Unidos na década de 1960, no movimento do jazz, mas ela envolve danças populares de vários países remetendo à celebração e danças de festa. Diferente do balé, que tem entidades e métodos definidos, as danças urbanas são construídas por meio de experiências e trocas entre gerações. Não existe uma enciclopédia ou metodologia única, é uma pesquisa viva. Don Campbell mesmo, o criador do locking, hoje chamado Campbell Lock, foi um dos pioneiros. Nas danças urbanas, a expressão pessoal é fundamental, unindo fundamentos e contextos contemporâneos. Além disso, fortalecem a



autoestima, a autoconfiança e promovem trocas e afinidades entre as pessoas.

Falando mais sobre o hip hop, como o senhor vê esse movimento hoje em dia, principalmente em cidades como Ribeirão Preto?

Quando comecei a dançar, na década de 1990, era tudo diferente. Sem internet, aprendíamos com clipes e fitas VHS. A MTV era o grande canal de conexão com a cultura black music e copiávamos os passinhos dos clipes. Existiam batalhas e programas de TV, que promoviam campeonatos de dança. Em Ribeirão, havia muitos grupos independentes, mas não escolas de dança. Hoje a cena é outra: há mais mercado e profissionais, embora a essência cultural daquela época fosse muito forte.

O senhor acha que o movimento das danças urbanas é importante para a cultura em geral? E por quê?

Um dos termos atribuídos às danças urbanas é “danças sociais”, pois representam a troca e a convivência. A Cypher é uma roda onde todos dançam um pouco, esse movimento começou nas praças, com pessoas dançando sem padrões de corpo. Essas danças desenvolvem sensibilidade e leitura musical, além de ensinar sobre história e valores humanos. Dançar muda o modo como se enxerga o outro, cria amizades e gera um enorme intercâmbio cultural.

Na sua opinião, hoje em dia, pelo fato de as danças estarem mais acadêmicas

elas têm mais visibilidade? Por quê?

Hoje há muito mais espaço. A cultura hip hop ganhou visibilidade até em lojas de departamento. A mídia que isso gera, ajuda, porque alguém vai pegar o interesse ali. Atualmente, artistas fazem audições para papéis de dançarinos de hip hop e até temos um brasileiro, B-Boy Neguin, no Cirque du Soleil. Eu acho que hoje em dia existem duas frentes: quem estuda em escolas e quem participa de projetos sociais, apoiados por instituições como o Sesc e o Sesi. Vivemos uma boa fase de reconhecimento, embora ainda haja muito a conquistar.

O senhor é uma pessoa cuja dança mudou a vida. O que o levou a escolher a dança como forma de expressão?

Na minha época, os meninos começavam a dançar para fazer passinho, para ir na festa e paquerar. Era uma forma de se sentir visto. Eu saía do bairro Campos Elíseos para ir a pé nas domingueiras só para mostrar os passinhos que fazia em casa. Era um momento de encontro e diversão. Hoje é mais profissional, mas naquela época era mais cultura. “O fulano vai estar lá, ele vai ver, nós vamos quebrar eles”. O “quebrar” era dançar bonito e surpreender. Isso tinha um grande valor. Depois comecei a dar aula substituindo um professor e muita gente dizia “você leva jeito”. A dança me contagiou, eu esperava o fim do trabalho para ensaiar. Ela ocupa um lugar existencial na vida das pessoas. Muitos alunos dizem que dançar é transformador.

Quando o senhor começou, se imaginou estando onde está agora?

Não, eu não imaginava, porque achava que era um hobby. Poucas pessoas trabalhavam com dança. Um amigo meu, Eliseu, saiu do Paraná e foi pra

São Paulo, morava de favor, para sustentar um sonho. Ele dizia: “João, não sai do trampo, cara.” Eu ocupo o lugar de poucos. Tenho casa, ajudo minha família, tudo com aquela dança que começou na garagem. Tive incentivo de muita gente, mas o estúdio só nasceu com minhas sócias. No começo eram aulas particulares, e olha o que virou. É fruto de insistência. Todo mundo fala aquele clichê: “a cultura no Brasil não vai”. É difícil. Acho que depende de cada um. A gente faz aula por dez reais a hora e até dança de graça muitas vezes, até agregarem valor no que a gente faz.

Quais são seus projetos para o futuro? Tem coisa nova pela frente?

Tenho há muitos anos o desejo de fundar uma companhia profissional de dança. Já contribuí muito com festivais e apresentações escolares, e isso vai continuar, mas hoje quero passar o bastão dessas mostras para focar em algo maior: criar uma companhia que produza espetáculos longos e profissionais. Esse é o meu objetivo agora. ◆

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Apuração e Gêneros Jornalísticos, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.

COORDENAÇÃO DO CURSO DE JORNALISMO

Profº Geraldo José Santiago

ORIENTAÇÃO E EDIÇÃO

Profª Elivanete Zuppolini Barbi

PAUTAS, ENTREVISTAS E REDAÇÃO

Alunos da disciplina Apuração e Gêneros Jornalísticos – 2ª etapa

APOIO TÉCNICO

Janio Warlem (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)